

Leitura, Objeto e Escrita Sensorial: a formação do analista do discurso

Lucas Nascimento

NASCIMENTO, Lucas. Leitura, objeto e escrita sensorial: a formação do analista do discurso, *Linguística Rio*, vol.3, n.1, maio de 2017.

ISSN: 2358-6826

Informações do autor

Lucas Nascimento
Pesquisador Associado do CNRS (França) – CNPq e da Stockholm University (Suécia) – CAPES

Contato:
drlucasdonascimento@outlook.com

Outras informações

Enviado: 05 de janeiro de 2017
Aceito: 16 de abril de 2017
Online: 02 de junho de 2017

RESUMO: O objetivo deste texto é analisar um artigo que apresenta uma pesquisa e identificar o endereçamento dos conceitos “sujeito” e “sentidos” na correlação teoria-objeto-descrição-análise de uma cena fílmica (cf. figura 1) analisada em artigo acadêmico filiado a USP, realizado na área de Análise do Discurso. Nossas questões de investigação são: 1) Quando privilegiar a intuição em detrimento do raciocínio na pesquisa em AD?; e 2) Como diferenciar, produzir, uma escrita acadêmica daquela que só seduz? Nossa hipótese de trabalho é a de que comumente algumas pesquisas em AD disponibilizam uma *escrita sensorial* (NASCIMENTO, 2013; 2014a; 2014b; 2015; 2016a; 2016b), nomeada etapa da *dezescrita*, aquela em que se apresenta a descrição do objeto, em certa medida apontando-o, e pouco o analisa, pois o que se tem ainda não é do campo da interpretação analítico-discursiva.

PALAVRAS CHAVE: Pesquisa; Escrita Acadêmica; Escrita Sedutora; Escrita Sensorial; Escrita da Análise do Discurso.

Introdução¹

– Usar palavras para falar de palavras é como alguém usar um lápis para desenhar uma imagem dele mesmo nele mesmo. Impossível. Confuso. Frustrante. – Elodin ergueu as mãos para o alto, como se tentasse alcançar o céu. – Mas há outras maneiras de compreender! – gritou, rindo feito criança. Tornou a levantar os dois braços para o arco de céu sem nuvens acima de nós, ainda rindo. – Olhe! – gritou, inclinando a cabeça para trás. – Azul! Azul! Azul!

ROTHFUSS, Patrick. *O Nome do Vento*. A Crônica do Matador do Rei: Primeiro Dia. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Arqueiro, 2009. p. 604.

¹ Texto apresentado na mesa-redonda 1: *Compreensão, discordância e produção: leitura e desconstrução do mito*, no dia 23 de outubro de 2013, no IX Workshop Produção Escrita e Psicanálise – Leitura e escrita: alquimia?, do GEPPEP – Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP. Agradeço aos professores doutores Valdir Heitor Barzotto e Cláudia Rosa Riolfi pela excelência acadêmica, orientação e formação, de que resulta o presente texto. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estágio na *Stockholm University* que possibilitou o desenvolvimento de parte da pesquisa relatada aqui. Uma discussão mais detalhada se encontra em Nascimento (2015).

No ano de 1962, em *The Structure of Scientific Revolutions*, Thomas Kuhn afirmou que na ciência há diferenças bastante incomuns entre o que é da ordem da evolução para aquilo que se denomina da ordem do progresso. Pouco há de evolução na ciência – é verdade! Ultimamente, o que se tem é progresso ainda em fases iniciais, por meio de revoluções sutis. A situação é a de que não podemos horizontalizar as Ciências Humanas ao mesmo plano das Ciências Biológicas, por exemplo, em que se captam mais numericamente a estrutura da evolução contínua da ciência. Diferentemente, aquelas ciências empreendem cientificamente questões de natureza outra que as exigem outro tipo de trabalho: apuramento semântico na pesquisa. É isso mesmo! Esse detalhe laborativo implica em rigor aliado à transformação do pensamento científico e da prática correspondente.

Em *Der Kampf um's Recht* (tradução brasileira por *A Luta Pelo Direito*), do jurista alemão Rudolf Von Ihering, livro considerado instrumento de liberdade e poder, há outro campo em discussão, não o das Ciências Humanas, nem mesmo o das Biológicas, mas o campo das Ciências Sociais e Aplicadas. No texto alemão mencionado, as defesas argumentativo-filosóficas estão em orientações complementares: “[...] a luta é a própria essência do direito”, “[...] a decisão não depende da validade dos motivos que impelem os contendores, mas da relação entre as forças que se contrapõem” e “[...] cada uma das partes que se defrontam ostenta em seus estandartes a divisa da majestade do direito” (IHERING, 2000, p. 29, 31, 31, respectivamente). O que essas afirmativas subjetivamente indicam é que o sentimento de justiça mede a gravidade das violações do direito, pelo padrão dos interesses. Se assim confere a qualquer sujeito a luta pelo direito, na ciência se requer cientificidade também pela suscetibilidade das matizes dos interesses. Com outras palavras, o que é dito pelo alemão aponta para as condições éticas de tais interesses no que corresponde ao estudo das relações entre o direito e as mudanças sociais, o que nos permite estender as orientações ao campo do desenvolvimento científico de quaisquer áreas do conhecimento.

De outro modo europeu, coube ao francês Michel Foucault legar a relação entre palavras e coisas em seu texto *Les mots et les choses – une archéologie des Sciences Humaines*. Disse o autor: existe o mundo das palavras e existe o mundo das coisas. Nunca coincidem perfeitamente, pois as palavras se referem à experiência, mas não são elas próprias aquilo que experimentamos. Parte da

angústia humana (LACAN, 2005), também parte da beleza de viver, decorre do esforço que fazemos com as palavras para que exprimam, com a menor perda possível, o que vivemos e sentimos. No entanto, o mundo das palavras não existe para trair o das coisas. Na escrita científica, o desejável é que o discurso e a vida estejam muito próximos. Ainda que essa atividade compreenda também a dimensão da utopia, do “dever ser”, os amanhãs sorridentes com que os cientistas costumam acenar não podem ser apenas instrumentos para o engodo e a trapaça.

Na universidade, as palavras e as coisas jamais coincidirão, como em toda experiência humana. Sempre restarão o espaço da imaginação e o saudável esforço para alargar as fronteiras conhecidas do possível. O que é inaceitável, aí, sim, é o uso da palavra como instrumento de engodo e de trapaça. O que a escrita acadêmica comumente tem nos mostrado é o confronto do mundo das palavras com o mundo das coisas. Talvez seja com esse confronto que se construa a escrita na universidade com 'espírito de cientificidade' (BACHELARD, 1996).

Com essa discussão, o objetivo, aqui, é analisar um artigo que apresenta uma pesquisa e identificar o endereçamento dos conceitos “sujeito” e “sentidos” na correlação teoria-objeto-descrição-análise de uma cena fílmica (cf. Figura 1), analisada em artigo acadêmico filiado a Universidade de São Paulo – USP, realizado na área de Análise do Discurso. Nossas questões de investigação são: 1) Quando privilegiar a intuição em detrimento do raciocínio na pesquisa em AD?; e 2) Como diferenciar, produzir, uma escrita acadêmica daquela que só seduz? Nossa hipótese de trabalho é a de que comumente algumas pesquisas² em AD disponibilizam uma *escrita sensorial* (NASCIMENTO, 2013; 2014a; 2015), nomeada etapa da *dezescrita*, aquela em que se apresenta a descrição do objeto, em certa medida apontando-o (alusão a epígrafe inicial), e pouco o analisa, pois o que se tem ainda não é do campo da interpretação analítico-discursiva.

² Basta lermos vasta quantidade de trabalhos filiados a Análise do Discurso, apresentados em Seminários do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo) e das suas revistas – *Revista do Gel* (Qualis Capes B1, conferir em <https://revistadogel.gel.org.br/rg>) e *Revista Estudos Linguísticos* (também B1, conferir <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos>), por exemplos.

1. Considerações teóricas

Com base no entendimento de Barzotto (2012; 2014) de que a *dezescrita*³ é momento em que se nomeia a produção científica que não atende à obediência da direção interpretativa dos textos, compreendemos por *escrita acadêmica* aquela em que é esperado o equilíbrio entre intuição e raciocínio. Consideramos a *intuição* no plano subjetivo, na direção da descrição, e o *raciocínio* como resultado do processo de gerenciar pensamento e descrição, trabalho mental para a construção de análise qualitativa (NASCIMENTO, 2013; 2014a; 2015).

Para o subsídio dessas nomeações em destaques, buscamos, em “Violência e metafísica” (DERRIDA, 2011), a reflexão do autor que teve como objetivo discutir o pensamento de Lévinas. Com percurso de leitura peculiar, a reflexão nos alude a duas possibilidades em relação ao processo de leitura: (a) *a tentativa de compreensão geral de um texto* ou (b) *a construção de analogias, para atingir o nível de compreensão, discordância e produção*. Aqui, há de se considerar que, se em certa medida, o que se faz é construir metáforas, o papel dessa realização na história é:

Pois sempre se acreditou que as metáforas inocentassem, tirassem o peso das coisas e dos atos. Se não há história senão através da linguagem, e se a linguagem (salvo quando designa o propriamente dito ou o nada: quase nunca) é elementarmente metafórica, Borges tem razão: “Talvez a história universal não seja mais que a história de algumas metáforas”.

Derrida (2011, p. 131).

A discussão sobre o papel da história pode ser compreendida pelo próprio processo de escrita, de leitura e reflexão de Derrida ao retomar Lévinas aos clássicos e a relação de seu pensamento a Husserl e Heidegger. Com isso, há dois movimentos de leitura que se escrevem na obra de Derrida, *A Escritura e a Diferença*, que podem ser considerados: 1) *a criação e a construção teórica a partir da retomada de uma base consolidada*; e 2) *a relação entre teóricos* (Lévinas, Husserl e Heidegger, por Derrida) *que retoma uma mesma base (no caso, os clássicos)*. Nos trechos seguintes, procuraremos contemplar esses movimentos na

³ Tema do VIII Workshop Produção Escrita e Psicanálise – *Dezescrita*, do GEPPEP – Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise, realizado na Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo – USP, de 17 a 19 de outubro de 2012. Desse evento, resulta o livro: BARZOTTO, V. H.; RIOLFI, C. R. (Orgs.). *Dezescrita*. São Paulo: Editora Paulistana, 2014. (Coleção Sobrescrita, 5).

tentativa de compreensão de que leituras se inscrevem na escrita e vivificam o processo de escrita.

Para que o trabalho de escrita revele o nível de leitura do autor, a realização de perguntas é recurso de valia tanto quanto a de metáforas e de analogias, que oferece refinamento para a compreensão e a discordância, podendo obter produção científica. A reflexão de Derrida é que:

Não há lei que não se diga, não há mandamento que não se dirija a uma liberdade de fala. Não há, pois, nem lei, nem mandamento que não confirme e não encerre – isto é, não dissimule ao pressupor – a possibilidade da pergunta. Assim, a pergunta está sempre fechada, jamais aparece de imediato como tal, mas apenas através do hermetismo de uma proposição em que a resposta já começou a determiná-la. Sua pureza não faz mais que se anunciar ou ser lembrada através da diferença de um trabalho hermenêutico.

Derrida (2011, p. 113).

Com relação à afirmação sobre as perguntas estarem sempre fechadas, trata-se de pensar que as respostas também já estão previamente dadas? Nesse caso, aludindo ao trabalho de pesquisa, qual seria o trabalho do pesquisador: *pensar em novas respostas para perguntas já dadas* ou *pensar em novas perguntas, mesmo com respostas já estabelecidas*? Para esses questionamentos, é possível fazer uma relação ao trecho de *O nome do vento* em que se fala sobre o jogo “Procure a pedra” (ROTHFUSS, 2009, p. 76), pois na medida em que se é capaz de pensar em mais de uma coisa ao mesmo tempo ao arremessar a pedra, também se poderia chegar com mais propriedade a outras perguntas ou respostas.

A atenção na obra de Derrida é ao modo como ele anuncia que se aproximará do pensamento de Lévinas. A discussão do autor aponta para questionar como ser incoerente sem se reduzir à incoerência. Pensando em *O nome do vento* e *O temor do sábio*, obras literárias lidas no ano 2012 de estudo do GEPPEP, embora esse não seja o foco deste texto, esse questionamento nos leva a pensar que a escrita do cronista e aquela do narrador dos fatos permitem localizar formas de aproximação, mesmo em se tratando de sujeitos e linguagens distintos. A possibilidade da localização decorre, talvez, porque o escritor não tenha conseguido o distanciamento (a liberdade) entre narrador e cronista, que poderia lhe oferecer formas diferentes de escrita.

Nesse ponto de reflexão, queremos demonstrar o papel da **intuição** e o papel do **raciocínio** no trabalho de escrita, que por si se trata de um trabalho hermenêutico. Para isso, consideraremos os trechos seguintes:

Mas não sacrificaremos ainda mais a unidade fiel a si da intenção ao devir que então não seria mais que pura desordem. Não escolheremos entre a abertura e a totalidade. Seremos, portanto, incoerentes, mas sem nos reduzirmos sistematicamente à incoerência. A possibilidade do sistema impossível estará no horizonte para proteger-nos do empirismo. Sem refletirmos aqui sobre a filosofia dessa hesitação, observemos entre parênteses que, por sua simples elocução, já abordaremos a problemática própria de Lévinas.

Derrida (2011, p. 119).

[...]

Observemos, por ora, já que se trata de luz, que o movimento platônico é interpretado de tal maneira que ele não mais conduz ao sol, mas para além mesmo da luz e do ser, da luz *do ser*: “Encontramos à *nossa maneira* a ideia platônica do Bem para além do Ser”, é o que se lê no final de *Totalidade e Infinito*, a propósito de criação e de fecundidade (o grifo é nosso). À *nossa maneira*, isto é, a ex-cedência ética não projeta rumo à neutralidade do bem, mas rumo a outrem, o que (é) *epekeina tês ousias* não é essencialmente luz, mas fecundidade ou generosidade.

Derrida (2011, p. 121).

A leitura de Platão por Lévinas, a leitura de Lévinas por Derrida e, por conseguinte, Derrida leu Platão pela leitura de Lévinas nos faz pensar em: a **intuição** (como percepção, que pode oferecer a transformação, que pode causar o perigo do empirismo), a **intenção** (como desejo, podendo oferecer a realização ou a sedução, a desordem, a incoerência, que pode instaurar o perigo do psicologismo) e **raciocínio** (processo que pode proporcionar a unidade, por meio da razão e da lógica).

Pensamos na relação com a transformação, com a visão de um autor que pode ser transformada por outro. Em *O nome do vento*, no trecho em que se fala sobre as relações entre compreensão e descrição (ROTHFUSS, 2009, p. 604), partindo do pressuposto de que se fala em dois tipos de compreensão, é possível pensar qual delas (ou se ambas) é necessária para que se possa retomar e transformar um pensamento já consolidado. Esse processo exige o desejo da retomada e o raciocínio para a realização da transformação ou da produção.

Na passagem seguinte, é possível compreendermos a diferença de uma escrita que apresenta trabalho de raciocínio (como é o caso) para aquela que apresenta disfarces ou sedução, ou até mesmo disfarces que a dificultam, que inumeravelmente conhecemos. Em alusão aos gregos, teor do raciocínio abaixo, Derrida diz:

É, portanto, a um segundo parricídio que exortamos Lévinas. Faz-se necessário matar o pai grego que ainda nos mantém sob sua lei, aquilo a que um Grego – Platão – jamais pôde sinceramente decidir-se, diferindo-o num assassinio alucinatório. Alucinação já na alucinação da fala. Mas o que um Grego aqui não pôde fazer, conseguirá um não-Grego fazê-lo sem disfarçar-se de Grego, sem *falar grego*, sem fingir que fala grego para aproximar-se do rei? E como se trata de matar uma fala, saberemos um dia quem é a última vítima desse fingimento? Podemos fingir que falamos uma linguagem?

Derrida (2011, p. 126).

O raciocínio de Derrida nos alude à interpretação lógica em relação a um grego e a um não-grego, as suas consequências como diferenças de falas, de linguagens e de fingimentos. O **raciocínio**, sobretudo, instaura a ordem das ideias por seu próprio caráter de raciocinar, racionalizar, refletir, ordenar, logicizar. Essa alusão aos gregos também pode ser considerada como intenção de Derrida a exortar o pensamento de Lévinas. Só que a **intenção** nesta escrita é ancorada por argumentos com base em **raciocínio**, com aporte da razão, pelo uso de estratégias argumentativas como analogia, comparação e pergunta.

Em *O nome do vento*, no trecho que diz respeito a sermos “criaturas do hábito” (ROTHFUSS, 2009, p. 169), podemos perguntar: em que medida assumir a posição de criatura do hábito (da intuição e da intenção) não é se acostumar a fingir ser grego e falar grego?

Assumir a posição de falar grego ou ser grego quando escrevemos ou lemos pode ser metáfora do que nomeio como **escrita sensorial**, aquela que resulta do momento de descrição e que se obtém apenas sinalização de análise, e/ou do que nomeio também como **escrita sedutora**, aquela que permite identificar o plano estético, ancoradas a cosmética e a sinalização do gozo (NASCIMENTO, 2013; 2014a; 2014b; 2015).

2. Relação com a pesquisa: teoria, objeto, descrição e análise

A pesquisa não exige a posição de criatura do hábito nem mesmo aceita pesquisador que fale grego, ou que assuma ser grego quando escreve. Ela exige produção de conhecimento no interior de dada área, ou mesmo em campo amplo, com escrita qualitativa que tenha condição de provar raciocínio fundamentado em sólida argumentação. Essa difere da escrita que apenas seduz por meio de excelente organização macroestrutural, de recurso da intertextualidade utilizado, ou de vocabulário expressivo com o uso de terminologias e/ou nomenclaturas da área. Difere também daquela que percorre apenas o processo até a descrição (NASCIMENTO, 2014a; 2014b; 2015).

Para a produção de escrita qualificada, o pesquisador deve assumir posição responsável pela sua relação com a pesquisa, lugar de onde o legitima operar teoria e análise, endereçadas ao objeto de estudo, e a manipular o objeto empírico. Essa imagem de pesquisador calcada na responsabilidade de sua posição permite esclarecer ao leitor de qual ciência atualmente dizemos. Portanto, entendemos **ciência** como a natureza de empreender pesquisa, que, por sua vez, oferece formação àquele que envida esforços para tal investimento. Não estamos com a esteira de que textos científicos implicam no entendimento de que “o conteúdo da ciência é exemplificado de maneira ímpar pelas observações, leis e teorias descritas em suas páginas” (KUHN, 1962, p. 20).

Com esse entendimento, nos perguntamos: *O que estamos fazendo quando escrevemos?* Ou melhor, *o que nós, analistas de discurso, fazemos com nossa escrita?* Em tempos de intensificação da produção acadêmica, sentimos a necessidade de, internamente à universidade, realizarmos permanentemente uma espécie de metapesquisa (NASCIMENTO, 2014a; 2014b; 2015) a fim de estabelecer estudos teóricos sobre a correlação entre objeto e teoria. Também sobre os motivos pelos quais as pesquisas estão sendo desenvolvidas e o que estamos fazendo quando escrevemos. Parece-nos fundamental verificar em que medida as pesquisas influenciam em processo contínuo de autotransformação. O levantamento de questões sobre esse problema pode contribuir para se evitar que os artigos, as dissertações e as teses se limitem à aplicação de uma teoria sobre um objeto, sem que as especificidades de ambos sejam consideradas e tensionadas, para a obtenção de **escrita** que demonstre **produção de conhecimento**.

Nesse sentido, é importante atentarmos para o fato de que não foram encontradas pesquisas em AD que analisem como a escolha por uma determinada teoria influencia na constituição de um objeto de pesquisa ou vice-versa. Isso denota que a formação do analista de discurso não tem a **metapesquisa** (NASCIMENTO, 2014a; 2014b; 2015) como uma preocupação, como uma prática de leitura, análise e reflexão da própria **escrita em Análise do Discurso**. A perspectiva de uma metapesquisa é exatamente fazer com que “o olhar” e “o analisar” a própria produção das pesquisas em AD permita conjecturar um panorama do fazer científico da área e de seus procedimentos.

Muitas vezes, no campo da Linguística, campo co-irmão da Análise do Discurso, muitos pesquisadores da linguagem, em geral, julgam que fazer AD “é mais fácil porque trata de discurso e porque as pesquisas são mais fáceis e muitas delas apresentam fragilidades, uma vez que carecem de método”. Esses julgamentos pejorativos são construídos por alguns trabalhos em AD apresentarem dissonâncias entre os procedimentos ditos por Pêcheux (1983): *os procedimentos teórico e analítico devem funcionar como um batimento*⁴. Essa é a herança de método que temos em AD. O movimento de “vai-e-vem” entre teoria e análise, como nos lembra Orlandi (2001), em *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*.

Kuhn (1962) aborda como a ciência se constitui pela submissão dos pesquisadores aos paradigmas das comunidades científicas nas quais se inserem. Assim, as comunidades científicas se constituem pela adoção de uma teoria em comum e utilização de instrumentos e métodos de análise próprios e adequados ao paradigma teórico escolhido. Em pesquisas como a proposta por Kuhn (1962), o foco não é a constituição do objeto, mas a constituição de um paradigma. Em proposta diferente, Bachelard (1996) se detém sobre a constituição de um objeto de pesquisa e sua importância para que uma investigação científica se realize. Segundo esse autor, um **objeto de pesquisa** é construído no decorrer da realização de uma investigação e na formulação de uma pergunta de pesquisa. Para chegar a essa formulação, o filósofo partiu da diferenciação entre a *experiência empírica* e o *conhecimento científico*. O **conhecimento científico** é algo construído,

⁴ Ver mais em Petri (2013), cujo estudo de pós-doutoramento (IEL-Unicamp) investigou justamente a interpretação no funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. Leitura imprescindível a nós, analistas do discurso.

que contradiz a experiência comum e que se constitui com base no erro; diferentemente da experiência comum que é tautológica e que desconsidera o erro e sua retificação.

A **atividade científica**, para o autor, é vista como um processo de transformar as percepções empíricas, as opiniões, em um **fazer científico**. Apesar de tratar da transformação empírica em um fazer científico, este autor não aborda o papel da teoria e do saber científico para tanto, focando-se mais na constituição do objeto de pesquisa de maneira desatrelada da teoria.

Com as considerações de Kuhn (1962) e de Bachelard (1996), podemos ir ao encontro de Derrida (2011) no que se trata de **escrita** e de diferença ao fazê-la científica, o que permite a construção da seguinte tese: *o nível da dezescrita como processo de escrever é o momento da desconstrução de leituras já realizadas e do estágio de escrita que o autor até o momento conseguiu atingir – por percurso de suas leituras que se inscrevem na escrita* (esse é o efeito de **autoria**).

O diálogo entre esses autores (KUHN, 1962; BACHELARD, 1996; DERRIDA, 2011) se justifica pelas suas reflexões nos subsidiar aos questionamentos sobre as considerações da **intuição** e do **raciocínio** na **escrita acadêmica, científica, de analistas do discurso**, cujas algumas pesquisas atualmente demonstram carência de método⁵. Para que essa problemática seja investigada, são bem-vindas, quanto necessárias, reflexões sobre *o papel da intuição e o papel do raciocínio* nos limites à aplicação de uma teoria sobre um objeto.

3. Material de análise

Nosso *corpus* de trabalho se constitui por quatro parágrafos de análise de uma cena fílmica. Conforme o quadro abaixo, seguem especificações:

REVISTA	ARTIGO	ANO DE PUBLICAÇÃO	OBJETO EMPÍRICO	TEORIA
Revista <i>Estudos Linguísticos</i>	A1 ⁶ – V40, N3, pp. 1362-1375.	2011	Filmes	AD – Dubois, Pêcheux, Althusser

Quadro 1. *Corpus*: Artigo acadêmico da USP

⁵ Esclareço que a minha afirmação trata de constatação e não de crítica.

⁶ Por questões de ética, forneço apenas as referências sobre revista, volume, número da edição e paginação inicial e final, sem me referir aos sobrenomes dos autores e o título do artigo. Para identificação do artigo, acesse: < <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos> >.

A seguir, apresentamos uma das figuras selecionadas pelos autores do artigo acadêmico para a análise produzida a respeito dos efeitos de sentido sobre liberdade e/ou repressão sexual da mulher, evidenciados em filme *Repulsa ao Sexo*. Consideramos a figura e as passagens de análise para identificarmos os limites da aplicação de uma teoria sobre um objeto e a relação intuição e raciocínio na produção escrita de pesquisa.



Figura 1. Carole sofre com a tensão sexual entre ela e o síndico em *Repulsa ao Sexo*

A organização dos *corpora* (conforme Quadro 2, a seguir) possibilita às investigações observar, em especial, modos teórico e analítico (os dois procedimentos em AD, cf. Pêcheux, 1983), que podem estar inscritos em reformulação conceitual e em outro fazer metodológico, apontando, com isso, para perspectiva de pesquisa **metaterminológica** (NASCIMENTO, 2013; 2014a; 2014b; 2015), que causa deslocamentos de proposições fundadoras cunhadas por Michel Pêcheux na teoria Análise do Discurso (doravante AD).

A seguir (em Quadro 2), demonstramos as sequências discursivas (doravante SD) selecionadas da teoria e da análise dos autores para considerações e apontamentos em “resultados e discussão” do artigo acadêmico estudado. As SD identificam os conceitos de (a) *sujeito* e (b) *sentidos* como nomenclaturas de escolha do aporte teórico em que se inscreve a pesquisa. Já as quatro SD das análises dos autores nos possibilita investigar se há a correlação teoria-objeto-descrição-análise.

TEORIA
<p>a) o sujeito inscreve significados eivados de historicidade, tanto na posição de autor quanto na de leitor. (XXX, 2011, p. 1363)</p> <p>b) os sentidos das palavras não são transparentes nem literais em relação aos significantes, embora o sujeito tenha essa ilusão, pois os sentidos não existem em si mesmos, visto que são determinados pelas posições ocupadas no processo sócio-histórico, o palco da (re)produção das palavras no qual o sujeito está intrinsecamente ligado para fazer circular seus dizeres. (XXX, 2011, p. 1364)</p>
ANÁLISES DOS AUTORES
<p>No recorte entre 1h18min55s e 1h29min15s de <i>Repulsa ao Sexo</i>, a manicure Carole (Deneuve) é interrompida, durante sua sombria estadia sozinha no apartamento após a viagem da irmã, pelo síndico do prédio (Patrick Wymark), que veio cobrar o aluguel. Ao longo desse recorte, detectamos vários efeitos de sentido que remetem à formação imaginária patriarcalista que ronda o personagem masculino. Desde sua chegada, o síndico representa uma voz de autoridade e fala de um lugar de poder, visto que ameaça chamar a polícia caso a hóspede não lhe atenda imediatamente. Sem sucesso, ele abre a porta do recinto (mesmo sem manifestação ou autorização de Carole) e se queixa da “barricada” que a moradora formou na porta tentando bloquear a entrada de visitantes indesejados. Nesse ponto, cabe ressaltar, a palavra <i>barricada</i> dita pelo sujeito-homem remonta aos sentidos sobre a “guerra dos sexos” e faz circular em <i>Repulsa ao Sexo</i> um embate pelos sentidos legitimados que não era falado no cinema das décadas anteriores, sobretudo em Hollywood. (XXX, 2011, p. 1369) [parágrafo 1]</p> <p>A atriz/personagem aqui, de certa forma, ocupa a posição do sujeito-homem, dada a aliança que se faz presente em todo o diálogo entre ambos, instalando efeitos de camaradagem e convivência entre a proprietária do bordel e o freguês. Logo após a chamada de Anais, o diretor Buñuel, num recurso narrativo surrealista (algo comum em sua obra), corta para um plano no quarto e faz referência à personagem que criou Sèverine quando menor, supostamente sua mãe. (XXX, 2011, p. 1371) [parágrafo 2]</p> <p>Tal recurso faz falar os sentidos sobre a vassalagem das gerações anteriores das mulheres com o patriarcalismo, aí representado por Husson, praticamente associando a subserviência da criadora de Sèverine com a postura adotada pela própria cafetina. Esse discurso que retoma a memória sobre o silêncio feminino no tocante à manutenção do patriarcalismo vem, nessa personagem de <i>A Bela da Tarde</i> (e todas as cenas que integram figuras do passado com o presente de Sèverine), repleto de significantes não-verbais bastante expressivos. (XXX, 2011, p. 1371) [parágrafo 3]</p> <p>Os efeitos de sentido sobre a manutenção do lugar de poder masculino também emergem quando Husson, nostalgicamente, enumera indícios sobre como o ambiente do bordel é o mesmo de outrora (as cortinas, o aquecedor, etc.). (XXX, 2011, p. 1372) [parágrafo 4]</p>

Quadro 2. Sequências discursivas da F1

4. Análises de conceitos e de sequências discursivas

Os destaques nas SD da teoria possibilitam identificar os conceitos de *sujeito* e de *sentido* recolhidos para o conjunto terminológico do referencial teórico do artigo acadêmico. Para o primeiro, *o sujeito inscreve significados eivados de historicidade, tanto na posição de autor quanto na de leitor* e para o segundo, *os sentidos das palavras não são transparentes nem literais em relação aos significantes; não existem em si mesmos; são determinados pelas posições ocupadas no processo sócio-histórico*. Com isso, os pesquisadores inscrevem seus

procedimentos teóricos em modo que (1) autoriza a produção precedente (a tradição da área), com a utilização de paráfrase.

No conceito de *sentido*, a SD *o palco da (re)produção das palavras no qual o sujeito está intrinsecamente ligado para fazer circular seus dizeres* permite identificar a apropriação metaterminológica, com a utilização de reformulação por efeito metafórico, ao empregar a palavra “palco”, por exemplo, mesmo utilizando também a paráfrase do autor fundador da teoria ou do autor receptor da teoria, pelo emprego de “(re)produção”, “palavras”, “sujeito”, “intrinsecamente”, “circular”, “dizeres”.

Para as análises dos autores, a presença dos conceitos exemplifica (1) a mobilização analítica com aplicação do conceito, pela utilização do hiperônimo, e (2) a mobilização analítica sem informações conteudistas do conceito, apenas operação descritiva, caso, por exemplo, do parágrafo 2 (atriz/personagem, proprietária do bordel, freguês, diretor Buñuel, Sèverine). Assim, tem-se:

- (01) **parágrafo 1:** sujeito-homem; sentidos; sentidos.
- (02) **parágrafo 2:** sujeito-homem.
- (03) **parágrafo 3:** sentidos; discurso; memória.
- (04) **parágrafo 4:** efeitos de sentido.

Para responder nossas questões de pesquisa 1 e 2, consideramos os destaques das SD da teoria em correlação aos destaques das SD das análises.

Em “detectamos vários efeitos de sentido que remetem à formação imaginária patriarcalista que ronda o personagem masculino. [...]” (parágrafo 1), a expressão “formação imaginária patriarcalista” seduz o leitor para a compreensão e o crédito da avaliação de que os efeitos de sentidos identificam o patriarcalismo, como se o fato de um proprietário realizar cobrança de aluguel pudesse construir tal formação imaginária. Não consideramos que um proprietário de aluguel possa remeter a determinada construção imaginária. Além disso, não se trata de ser “um proprietário”, conforme é dito.

Parece que a relação teoria-objeto-descrição-análise estabelecida nessa SD privilegiou a intuição em detrimento do raciocínio na pesquisa, uma vez que a percepção de que “Desde sua chegada, o síndico representa uma voz de autoridade e fala de um lugar de poder, visto que ameaça chamar a polícia caso a hóspede não

lhe atenda imediatamente. [...]” (parágrafo 1) tenha essa descrição indicada a sinalização de análise.

O que caracteriza o “patriarcalismo” é grifado na passagem abaixo:

sua chegada, o síndico representa uma **voz de autoridade** e fala de um **lugar de poder**, visto que **ameaça** chamar a polícia caso a hóspede não lhe atenda **imediatamente**. Sem sucesso, ele abre a porta do recinto (**mesmo sem manifestação ou autorização de Carole**) e se **queixa da “barricada”** que a moradora formou na porta tentando bloquear a entrada de visitantes indesejados (XXX, 2011, p. 1369, grifos nossos) [parágrafo 1]

A passagem acima permite analisar que o ato de forçar a entrada e não dele ser o proprietário que aciona o imaginário do patriarcado, cujo homem se sente no direito de invadir a privacidade de uma mulher pelo simples fato de se considerar superior.

Segue a descrição dos autores: “[...] Sem sucesso, ele abre a porta do recinto (mesmo sem manifestação ou autorização de Carole) e se queixa da “barricada” que a moradora formou na porta tentando bloquear a entrada de visitantes indesejados. [...]” (parágrafo 1). Em seguida, a análise dos autores: “[...] Nesse ponto, cabe ressaltar, a palavra *barricada* dita pelo sujeito-homem remonta aos sentidos sobre a “guerra dos sexos” e faz circular em *Repulsa ao Sexo* um embate pelos sentidos legitimados que não era falado no cinema das décadas anteriores, sobretudo em Hollywood.” (parágrafo 1). Essa SD identifica os raciocínios de “a palavra... remonta aos sentidos sobre a “guerra dos sexos” e de “faz circular em *Repulsa ao Sexo* um embate pelos sentidos legitimados [...]”, mas não suficientemente os desenvolve com detalhes de quais (1) sentidos a palavra remonta e quais (2) sentidos legitimados estão em embate. Aí a ausência de análises discursivas suficientes para a sustentação do conceito “sentido”.

A análise vista pode ser considerada como **escrita sensorial**, no entendimento de que se sensorializa, isto é, ocorre um processo por meio do qual um estímulo – interno ou externo – causa uma reação ao apenas apontar o fenômeno em questão (em (1) e (2)) e, com base na passagem analisada, não ficar comprovado com argumentos válidos para tal análise. Por meio do processo de apontar (identificar ou sinalizar) o fenômeno, a escrita sensorial resulta também em **escrita sedutora**, pois, esta corresponde ao processo que ocorre por meio do

uso de nomenclatura da teoria (conceitos e interpretações por meio de procedimentos teóricos e analíticos) como sinalização sedutora de um gozo anunciado que de fato não se efetua na análise: *a análise do discurso*. O não se efetuar na análise (o gozo) indica **faltas**: (a) a falta de produção de interpretação de como é o método analítico-discursivo: **o trabalho de escrita do analista** (o método: relação teoria-objeto-descrição-análise); e (b) a falta de produção de interpretação e de conhecimento em AD (e seus diálogos interdisciplinares) que ostentem a qualidade e a consistência analítica: **o trabalho de leitura do analista** (para proceder a relação análise-descrição-objeto-teoria).

Exemplos: Para observarmos movimentos de linguagem, o processo ocorre com formação contínua de imagens associadas à capacidade do cérebro perceber que as distâncias estão variando em relação a referenciais estáticos (pelo menos no momento da observação). É o que afirma a Física, por exemplo. Tomando a árvore como referencial, ele pode ser um exemplo de objeto estático. Se algum pássaro cruzar sua frente, será facilmente percebido devido à sua posição variando em relação ao referencial estático. A árvore também pode apresentar pequenos movimentos nas folhas e galhos, mas somente quando observados de forma mais apurada. A “forma mais apurada” da Física é o **apuramento semântico** em Análise do Discurso que depende da **ordem do olhar**⁷ do analista do discurso no momento da **pesquisa**. Essa “ordem do olhar” inscreve outras ordens: do discurso analisado, do corpo observado, da imagem observada. Tal inscrição na escrita da Análise do Discurso demonstra o “real da história” e o “real da língua” (PÊCHEUX, 1981; 1983).

A atividade, acima, da percepção dos movimentos do pássaro e da árvore é para entendermos que a aquisição de informação e de conhecimento, bem como suas interpretações, são importantes para explorar e compreender o meio. Por isso, para a Física, os sensores basicamente funcionam como nossos olhos (daí a **ordem do olhar**). Os sensores são receptores fotossensíveis. O mais simples deles é o chamado de sensor passivo. Ele funciona através de raios infravermelhos emitidos por corpos quentes. O sensor de presença passivo utilizado largamente nos circuitos de alarmes em ambientes fechados capta diferenças na emissão de

⁷ Ver mais em: Curcino; Piovezani; Sargentini (2011). Esse livro referencial nos subsidia, assim como a brilhante tese de Manzano (2014). Ver também discussões circunscritas sobre alguns caminhos da Análise do Discurso para o trabalho com materiais sincréticos: Nascimento (2010; 2011; 2014c; 2014d).

radiação infravermelha. O sensor dispara um sinal assim que nota a presença de radiação infravermelha além daquela presente no ambiente.

Em outras palavras, significa que o ambiente onde o dispositivo está instalado emite uma certa quantidade de radiação de calor por não estar no zero absoluto (temperatura mais baixa que existe). Quando uma pessoa ou algum animal de sangue quente invade o local, a intensidade de radiação infravermelha captada aumenta consideravelmente, provocando o disparo do sinal de alerta.

Outro tipo de sensor é o ativo. Ele é mais complexo e também mais eficiente. Seu funcionamento se assemelha ao de um radar. Assim que houver diferença nos tempos comparados em relação aos padrões estabelecidos pela varredura inicial, o aparelho dispara o alerta, pois algum obstáculo se moveu ou um corpo estranho invadiu o recinto. Esse mesmo procedimento também pode ser feito através de ondas sonoras.

O aprimoramento dos sensores veio com a evolução da tecnologia de captação de imagens e a grande variedade de aplicação das câmeras digitais. Tal dispositivo passou a ser grande aliado no processamento de imagens. Atuando como um sensor ativo mais apurado, as câmeras recebem o espectro de luz refletido dos objetos à sua frente, formando as figuras. Assim como nossos olhos, ela trabalha com formação de imagens e sua interpretação cabe a um programa de reconhecimento. Os programas atuais conseguem analisar imagens com detalhes, a ponto de permitir reconhecimento de sorrisos ou até mesmo movimento dos olhos. Os *softwares* percebem partes do corpo humano e são capazes de diferenciar músculos, ossos e movimentos para atuar com precisão na interpretação dos comandos. A grande evolução dos equipamentos que captam movimentos e associam diversas funções está no fato do programa possuir grande capacidade de interpretar cada detalhe das imagens captadas.

Conforme o Quadro 2, o material recortado indicia que:

- 1) se privilegia a **intuição** em detrimento do **raciocínio** na pesquisa:
 - (a) quando a **percepção** oferecer provas e condições argumentativas com dados e garantias válidos;
 - (b) quando o **desejo** possibilitar a efetividade de um fato de escrita com descrição e compreensão;

(c) quando a **nomenclatura conceitual** dar suporte ao fato, ao fenômeno ou a ideia percebido.

2) se produz uma **escrita acadêmica** diferente daquela **escrita sedutora** requer:

(i.) da *teoria*: uma linguagem técnica com expressividade do entendimento conceitual endereçada ao objeto e a análise e não o uso da nomenclatura como fetichismo do campo ou da área;

(ii.) do *objeto*: o surgimento de questões teóricas com base em sua materialidade, em seu suporte e em seu contexto de produção, tendo em vista à relação do objeto empírico e o objeto de estudo;

(iii.) da *descrição*: fidelidade ao descrever as características e detalhes do fato, do fenômeno ou da ocorrência que se tornara o objeto empírico, evitando o sensacionalismo comum e a descrição simplória ou até mesmo reducionista;

(iv.) da *análise*: perfil de raciocínio que obtenha clareza na unidade e na argumentação racional que deve construir a compreensão e a produção de conhecimento, por meio da experiência de descrever um texto, aliando a percepção transformadora, o desejo da realização do fato, do progresso e da ordem, e a lógica.

5. Considerações finais

Os *interesses* diferentes que disputam a luta pelo direito, conhecidos como origem do sentimento de justiça, tese defendida por Ihering (2000), lembram a intervenção de uma **cultura de escrita**, cujo objetivo é deslocar interesses para a divulgação de áreas entre campos científicos, por exemplo. Essa divulgação de interesses deslocados exigem "*paciência científica*", aspecto da "vida espiritual do próprio processo de construção do conhecimento científico" (BACHELARD, 1996, p. 12).

Na universidade, essa paciência pontua **posições de sujeito** que possibilitam identificar o **nível da pesquisa** pela sua **escrita**:

- (1.1) posição aquela inundada em curiosidade ingênua, com sérios problemas de leitura e de escrita, permitindo a instância da intenção, dominada pelo campo do desejo;
- (1.2) posição cuja excelência abstrata destaca o sujeito com *alma professoral*, pela escrita estar em destaque em sua cientificidade, admirada por muitos na comunidade, permitida pela instância do raciocínio, dominada pela lógica, pela razão e pela atuação da reflexão;
- (1.3) posição em que *a alma* se encontra perturbada entre outras almas, cuja ambição pela razão dilacera o espírito científico particular da abstração, sob vigência a instância da intuição e regida pela percepção repentina, por alguma ideia ou pressentimento.

*O que se fazer com o mundo das palavras e o mundo das coisas, então, quando se tem escrita dos analistas do discurso? O que precisa ser feito para que a escrita alcance **produção de conhecimento com a alma professoral** é estabelecer relações teóricas quando se correlacionar objeto, descrição e análise, em que o endereçamento da teoria seja contemplado em exigências do objeto de estudo em relação ao que o objeto empírico permite olhar, ler, compreender, discordar e produzir. Isso é distante do que temos visto como *alguns de nós, analistas do discurso, estamos fazendo quando escrevemos*. Esse modo de fazer AD – como visto nos procedimentos analisados no referido A1 – nos instiga a refletir sobre a formação do analista do discurso.*

A atividade científica em AD, enfim, não exige trabalho insuportável, exige trabalho que ostente suporte fortalecido na operação com procedimentos analíticos e teóricos, sendo seus resultados as considerações ou os apontamentos de outras questões teóricas. Aliás, bem dizer que com procedimentos teóricos só chegamos a lugar de novos ou mesmos questionamentos. Com isso, a **formação em Análise do discurso** permite entendermos o vai-e-vém entre **teoria e análise** como **método** na rigorosidade de **fazer se presentificar nas análises a teoria da AD**, que vá além do momento de descrição do objeto empírico trabalhado. A **análise** é um momento de mostrar o trabalho do analista do discurso, momento em que há operações de análise de conceitos e suas filiações discursivas

conceituais na relação objeto empírico e objeto de estudo eleitos – daí o **movimento pendular** (PETRI, 2013).

Desse modo, temos que:

(1) A descrição e a análise exigem saber *ser nomeador* na escrita acadêmica e saber instaurar a diferença, com dosagem entre intuição e raciocínio (em predominância), para que o nível da compreensão seja acessado a qualquer leitor.

(2) A intuição deve ser considerada como “diferença” quando o pesquisador se encontrar em desafios e impasses como: o esforço de pensar, em momento de bloqueio ou de “quebra de escrita”⁸, as dificuldades da criação no pensamento, o conflito, a tensão, a oposição, a analogia, o deslocamento, a ruptura, a contra-argumentação.

(3) A escrita acadêmica tem requerido contribuições em que se denote para pesquisa a rigorosidade na relação objeto, teoria, descrição e análise para além do senso comum; para além da escrita sensorial, vivificante apenas até o apontamento da descrição; para além da escrita que só seduz, titubeando leitores contentes com a masturbação, apenas; para além da fase embrionária, que sofre aborto já imaginável; talvez para aquém da engenharia particular dos sábios, mas para aquela escrita humana que possibilite a compreensão do **traquejo do trabalho** em zonas de limites, não só de leitura como também de *dezescrita*. Esse trabalho poderia ser dito como tarefa de analistas, de pesquisadores que se autorizam cientistas.

A formação do analista do discurso precisa estar ancorada em: (a) fundação; (b) história; e (c) epistemologia, sobretudo. É imprescindível ler e saber sobre história e epistemologia da Análise do discurso com base nos textos fundadores de Michel Pêcheux, desde os textos assinados pelo seu pseudônimo Thomas Herbert até seus textos póstumos (PÊCHEUX, 1984). Depois disso, para não cair em sedutoras armadilhas e se comportar como pesquisador ingênuo e

⁸ Ver mais sobre *quebras de escrita* em Riolfi (2007).

“marinheiro de primeira viagem”, faz-se imprescindível também ter e buscar esclarecimentos sobre **políticas de produção escrita em Análise do Discurso** (NASCIMENTO, 2015; 2016a) hoje no Brasil e saberes necessários do professor de português em formação (NASCIMENTO, 2015).

Fazer ciência em Análise do Discurso, por fim, é apresentar **leituras que se escrevem** (de preferência inaugurais e singulares, autênticas, criativas, portanto autorais), principalmente no procedimento analítico e – mais ainda – apresentar **correlação** nas instâncias do fazer científico que demonstre o trabalho de escrita em processos de pesquisa como **teoria-objeto-descrição-análise**.

Para isso, alguns alertas são inevitáveis para que o analista do discurso não tenha a sensação de “inferno da escrita”: (i.) evitar o senso comum, pois a tarefa é a de produzir conhecimento científico; (ii.) evitar a escrita sensorial (fase até a descrição, apenas), pois a tarefa é a de produzir escrita com espírito científico; (iii.) evitar a escrita sedutora, pois a tarefa é a de um gozo de fato e não apenas a sua sinalização; (iv.) evitar a fase apenas embrionária da análise, pois a tarefa é a de escrita humana científica que possibilite a compreensão do trabalho do analista do discurso, que apresente leituras peculiares que se escrevam nas análises, sendo estas diferenciais em relação a qualquer outro profissional do campo das Ciências da Linguagem.

Diante disso, o percurso a ser enfrentado pelo analista do discurso não só é tomar como trabalho o processo de leituras como também tomar o processo de *dezescrever*. **Dezescrever leituras** já realizadas pelos pares e escrever leituras que se escrevam é tarefa de cientistas, de analista dos discursos. Ainda: adotar a perspectiva da **metapesquisa** como curiosidade científica não só é ensino-aprendizagem do analista em formação como também é inevitável para o pesquisador não cair em armadilhas políticas não convictas com o seu próprio perfil “partidário” – para isso, eis saber: **política epistemológica** tem suas diferenças com relação à **política científica** em *análise do discurso* (NASCIMENTO, 2015; 2016a).

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A Formação do Espírito Científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARZOTTO, V.H. Apresentação. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; RIOLFI, Claudia Rosa. (Orgs.). *Caderno de Handout's. VIII Workshop Produção Escrita e Psicanálise – Dezescrita*. São Paulo, FE-USP, 2012.
- BARZOTTO, V.H.; RIOLFI, C.R. (Orgs.). *Dezescrita*. São Paulo: Paulistana, 2014. (Coleção Sobrescrita, 5).
- CURCINO, L.; PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Orgs.). *Discurso, Semiologia e História*. São Carlos: Claraluz, 2011.
- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Tradução brasileira de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DERRIDA, J. *A Escritura e a Diferença*. Tradução brasileira de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FOUCAULT, M. *Les Mots et les Choses – une archéologie des Sciences Humaines*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.
- IHERING, R. V. *A Luta Pelo Direito*. 2. ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2000.
- KUHN, T. S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: The University of Chicago, 1962.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Telles. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- MANZANO, L.C.G. *A ordem do olhar: sentidos da imagem no discurso político televisivo brasileiro*. 2010. 216f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, 2010.
- NASCIMENTO, L. A Escrita da Análise do Discurso e as Políticas de Produção Escrita. In: NASCIMENTO, Lucas; MEDEIROS, Breno Wilson Leite. (Orgs.). *Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: heranças, métodos, objetos*. Alemanha: NEA Editores, 2016a. pp. 125-153.
- _____. Especificidade de uma disciplina de interpretação (a análise do discurso no Brasil): alguns apontamentos. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa, USP*, v. 17, pp. 569-96, 2016b.
- _____. *Análise do Discurso e Ensino: políticas de produção escrita, mídia e saberes do professor de português em formação*. Alemanha: NEA Editores, 2015.
- _____. Escrita Acadêmica: fantasia ou delírio de si? In: BARZOTTO, Valdir Heitor; RIOLFI, Claudia Rosa. (Orgs.). *Dezescrita*. São Paulo: Editora Paulistana, 2014a. pp. 137-156. (Coleção Sobrescrita, 5).
- _____. Modos de Procedimentos Teóricos e Analíticos em Pesquisas na Análise do Discurso da USP e da UP (Portugal). *Revista Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, v. 43, pp. 1190-1206, 2014b.

_____. *Diskursanalyse, Viktimologie und Menschenhandel Marihuana in Brasilien*. Alemanha: NEA Editores, 2014c.

_____. *Análise do Discurso, Vitimologia e Tráfico de Maconha no Brasil*. Alemanha: NEA Editores, 2014d.

_____. *Leitura, Objeto e Escrita Sensorial*. In: Mesa-redonda 1: Compreensão, discordância e produção: leitura e desconstrução do mito. IX Workshop Produção Escrita e Psicanálise – Leitura e escrita: alquimia?. GEPPEP – Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo – USP. 2013.

_____. *Análise do Discurso: Acontecimento & Memória de Tráfico*. Curitiba: Appris, 2011.

_____. A Análise do Discurso no Brasil Hoje: entre heranças, novos destinos, outros limites. *Versão Beta* (UFSCar), v. 61, pp. 29-42, 2010.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. L'énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison. Actes du Colloque Matérialités Discursives. Université Paris X – Nanterre, 24-26 avril 1980. In: CONEIN, Bernard. et al. (Orgs). *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. pp. 143-148.

_____. Discourse: structure or event? Actes du Colloque Marxism and Interpretation of Culture: Limits, Frontiers, Boundaries. L'Université Urbana-Champaign, 8-12 juillet 1983. In: PÊCHEUX, Michel. *L'inquietude du Discours*. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990. pp. 303-323.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do "dispositivo experimental" da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (Org.). *Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2013. pp. 39-48.

RIOLFI, C. R. Quebras na Escrita, surpresas para quem escreve: o percurso subjetivo na formação do professor de Língua Portuguesa. In: CALIL, Eduardo. (Org.). *Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007. pp. 33-64.

ROTHFUSS, P. *O Nome do Vento*. A Crônica do Matador do Rei: Primeiro Dia. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Arqueiro, 2009.

_____. *O Temor do Sábio*. A Crônica do Matador do Rei: Segundo Dia. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Arqueiro, 2011.

SWIGGERS, P. Modelos, Métodos y Problemas en la Historiografía de la Linguística. In: CORRALES ZUMBADO, C.; DORTA LUIS, J. et al. (Eds.). *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*. Madrid: Arco, 2004. pp. 113-146.

_____. Le Métalangage de la Linguistique: réflexions à propos de la terminologie e de la terminographie linguistiques. In: *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 9-29, 2010.

Abstract: The purpose of this text is to analyze an article that presents a research and identify the address of the concepts “subject” and “senses” on correlation theory-object-description-analysis of a film scene (see Figure 1) analyzed in academic article USP, held in the analysis area discourse. Our research questions are: 1) When favoring intuition instead of reasoning in AD research?; and 2) How to differentiate, produce, an academic writing that only seduces? Our working hypothesis is that the AD commonly in research provide a sensory writing (NASCIMENTO, 2013; 2014a; 2014b; 2015; 2016a; 2016b), named *dezescrita* step, the one that presents the description of the object to some extent pointing it, and just the looks, because what you have is not the field of analytical-discursive interpretation

Key-words: Search; Academic Writing; Seductive writing; Sensory writing; Written Discourse Analysis.

NASCIMENTO, Lucas. Leitura, objeto e escrita sensorial: a formação do analista do discurso, *Linguística Rio*, vol.3, n.1, maio de 2017.

ISSN: 2358-6826

Enviado: 05 de janeiro de 2017

Aceito: 16 de abril de 2017

Online: 02 de junho de 2017

